



MIEU
IRMÃO
E
MIEU
PADRASTO

Obsessivos

MAURICIO CAMPOS SANTOS

1. Meu Irmão Sarrando Atrás de Mim.

Eu tinha dito à minha mãe que eu ia tirar a barba antes que os Troy chegassem em casa, o que não aconteceu. Porra. Mal tenho tempo de alcançar a metade do processo e já escuto a campainha soando, a Sra. Shawn correndo pra recebe-los, a porta se abrindo e o famoso coro de vozes alegres quando se recebe pessoas no lar. Fico parado, piscando para o meu reflexo no espelho do banheiro. Ainda há um pouco de espuma num lado do meu rosto hexagonal. Melhor eu agir, antes que alguém me chame.

Não dá outra e já ouço o chamado da minha mãe. Reviro os olhos com todo o direito que eu tenho de ficar puto com algo que era pra ter sido depois que eu acabasse a minha tarefa. De jeito nenhum vou deixar o serviço em mim inacabado.

- Andriel, venha logo para baixo!

- EU SÓ DESÇO DEPOIS QUE EU TERMINAR DE TIRAR A MINHA BARBA! - grito.

O próximo som que ouço é dos saltos altos dela se afastando do pé da escada, dizendo:

- Esse menino...

Dou de ombros e volto ao trabalho. Desço a lâmina cuidadosamente contra a pele, levando um pouco de pelo com espuma. Tiro o excesso com água morna da pia. Faço de novo.

De repente eu travo. Tem passos pesados subindo a escada de madeira. O passos são relaxados, com certeza são de homem. Espero, olhando para a entrada do banheiro, aberta. Em poucos segundos, a imagem dele surge.

É ele. O filho mais velho e favorito do Sr. Troy. O herdeiro de sangue. Se ele tivesse outros irmãos que estariam tentando matar um ao outro pela herança do pai, ele assistiria tudo de camarote, imagino. Por um lado, odeio esse cara. Mas por outro, sinto um estranho desejo por ele.

Vitor Troy.

Não costumo sorrir para Vitor. Nem vou. Ele para e apoia um braço na lateral da passagem, e o outro, afunda a mão no bolso da calça moletom preta. Olhando pro busto dele, arqueado para o lado, consigo vislumbrar através da camisa escarlate colada, os músculos do peito e os gomos do abdômen. Ele se dedica tanto em exercícios de musculação que os resultados estão na minha cara. E isso torna ele irresistível.

Que idiota da minha parte.

- Quer ajuda? - oferece ele com aquela voz que ressoa como um trovão de dias tremendamente chuvosos.

- Não. Obrigado - dispenso.

Mesmo assim, a teimosia tá nas veias dele. Ele tira a navalha da minha posse sem a minha permissão e fica atrás de mim. Nesse momento, a minha única reação é absolutamente de choque.

Assisto ele fazer o resto da minha barba, delicadamente. Por cima do meu ombro direito, os olhos cor de cinza dele aparentam estar fixo nos meus, castanho escuro. Mesmo com o corte buzzcut, é bem fácil de identificar a tonalidade preta do cabelo dele, predominante nas sobrancelhas grossas e no cavanhaque simétrico daquele rosto formato diamante.

Ele não é de falar muito, só quando é necessário. O silêncio em nossa volta começa a me incomodar. Preciso abrir margem para um bate-papo.

- Mamãe deve tá puta porque eu não desci pra me juntar à vocês agora. Pensei que ainda fossem demorar. Eu vou atrasar tudo - comento.

- Relaxa - responde ele, sorrindo de canto, o que exalta mais do seu charme.
- Você não tá perdendo grande coisa. Tentamos apanhar um Príncipe Negro, mas erramos feio. Ultimamente não está se vendo muitos dragões voando no céu.

- Sabe o que isso significa, né? A extinção tá chegando. Mesmo assim, vamos tentar de novo. Vou me reunir com vocês e pensar em alguma coisa que ajude à pegar um. Pelo menos um - dez dragões seriam um milagre, mas um já faria muita diferença.

- Se dermos sorte, talvez um ovo bata na nossa porta. Seria o bastante. Creio eu - um pouco apreensivo, ele liga a torneira e a água leva o excesso de pelo e espuma da lâmina pro ralo da pia.

Na minha frente, meu semblante no espelho é de dúvida. Entretanto, no fundo, também torço para que nossas preces sejam atendidas. Fico quieto, estudando meus traços parecidos com a da minha mãe, como o cabelo castanho escuro ondulado, a pele clara e o corpo magro. Porém, não me seguro quando um questionamento submergindo na minha mente me faz falar.

- Seu pai tá puto por ter perdido o Príncipe Negro ? - indago.

- Ele surtou só no momento. Não vou julgar. O bichão era lindo. Couro reluzentes como carvão. Asas dez vezes o tamanho dessa casa, que arrancam qualquer um do chão. E chamas impiedosas que derretem até ossos. Mas agora, o papai tá de boa. Ele jamais desanima.

- Ainda bem.

Faltando pouco para ele terminar, algo diferente toma a nossa volta. O hálito dele, exalando aroma de menta, penetra minhas narinas. A mão livre dele pousa em meu ombro esquerdo. Logo, aquele toque vai descendo pelo meu braço nu, espalhando um arrepio instantâneo que faz minhas pernas tremerem. Respiro fundo. O que ele tá fazendo?

Aquela mesma mão, percorre serpenteando pela minha costela, passando pelo meu abdômen, lentamente, até que, com a força do braço, ele agarra a minha cintura.

Puta que pariu! Ele tá me tocando, entorpecendo minhas faculdades mentais. A respiração dele faz meu ser irradiar de calor. Acho que com essa forma ele quer me dizer alguma coisa. O que seria?

Nossos olhares se enlaçam por meio de uma corda invisível. Algo cutuca as minhas nádegas. É duro e roliço. Está à baixo do baixo ventre dele. Uma protuberância no tronco da calça. O pau dele. Outra coisa é impossível de ser.

- Meninos, tudo bem aí em cima? - interroga o Sr. Troy com sua voz de aspecto autoritário.

- Sim, pai! - responde Vitor em tom alto. - Tudo certo por aqui! Só um pouco duro!

- Duro?! - indaga o meu padrasto.

Cerro o punho e bato na coxa dele. Isso é hora pra ser safado? Se o Sr. Troy flagrar a gente assim, vamos ter sérios problemas.

- Comporte-se, Vitor - tento manter a calma, mesmo com o nervosismo latente. - Isso é assédio.

- Assédio? - reage ele, incrédulo. - Mas nós já fizemos isso antes.

É. Parte disso é culpa minha. Uma vez, estávamos ele e eu jogando Castle Wizard no meu Playstation 5 em meu quarto. Foi uma das noites as quais ele vem me visitar. Nunca pedi para que ele viesse. Ele apenas degusta da minha companhia, e com um tempo, vim à gostar também. Tão bom quanto eu no jogo, Vitor se tornou aquele parceiro que me inspira à se esforçar em qualquer coisa que eu faça. Deve ser por isso que sinto amor e ódio por ele, sempre vindo na minha cabeça.

Ele estava ganhando de mim outra vez. Meu ódio chegava até os dedos, ameaçando tritурarem o controle. Ele saiu do meu lado e um peso foi acrescentado em cima de mim. Meu sangue esquentou muito rápido, e não foi de raiva. Os cotovelos dele se apoiaram no colchão da cama. A ponta do queixo dele roçou no topo da minha nuca. O tronco dele colou na minha bunda e ficou sarrando bem devagarzinho. Eu não disse nada por eu ter ficado mudo.

O coração dele estava acelerado na mesma velocidade que o meu. O jogo quase sai do meu foco. De início, acreditei que ele fez aquilo para que eu perdesse, no entanto, havia mais um motivo, que ficou evidente quando o pau dele endureceu em atrito com minhas nádegas.

Desde então, ele fica fazendo isso em mim. Não o afasto, nem reajo. É uma sensação prazerosa, e provocante. Eu devia beija-lo, arrancar minhas vestes e deixa-lo me foder enquanto minha mãe e seu pai estão lá em baixo, distraídos. Mas...

- Tudo bem por aqui? - O Sr. Troy está postado na entrada do banheiro, olhando para mim e seu filho.

Devo ter empalidecido. Assim que me dou por conta, reparo que Vitor está distante, encostado na parede. Eu nem vi o momento em que ele se desgrudou de mim.

- Eu estava ajudando Andriel a tirar a barba. Já terminamos - responde Vitor, mantendo uma expressão séria.

Engulo em seco.

- Sim, Sr. Troy.

- Que bom. Tá bonito, filho - sorrio sem jeito, agradecendo o elogio. - Venham. Vamos arrumar uma estratégia pra pegar um dragão. Não se paga muito pelas capturas, mas é suficiente para manter a nossa família por pelo menos 7 meses. O dinheiro tá quase acabando e precisamos repor o cofre.

Ele sai. Vitor segue ele, e de relance, me dá uma piscadela com um sorriso torto. Fico sozinho, questionando à mim mesmo se aqueles dois notaram a minha ereção.



2. Reunião Para Pegar Um Dragão.

Reuno-me com Vitor e Gérard Troy no principal dos três escritórios da mansão. Já são 6 da tarde e temos apenas uma hora até o jantar para orquestrar uma bem sucedida armadilha para qualquer dragão que cruzar o nosso caminho amanhã de manhã. Não tenho muitas sugestões para render um bom aproveitamento. Possuo no máximo duas. Espero que sejam úteis, sendo que para que uma seja aprovada, a outra também tem que ser. Mas é claro, tudo vai depender se houver um dragão pra pegarmos amanhã.

Sento-me na cadeira ao lado de Vitor, de frente para a mesa do pai dele. Sr. Troy acrescenta mais alguns carrinhos de brinquedos - Jipes - no território desenhado no mapa da nossa região, Laverne, a ilha em que vivemos. Aquele semblante tenso é de alguém pensando demais, remoendo um passo-a-passo atrás das cortinas. Quem sabe ele já esteja nos toques finais.

Enquanto isso, observo Gérard atentamente. Tem grandes chances de Vitor ser como ele daqui à 30 anos. O corte de cabelo é igual do filho, bem curto, dando para ver o couro cabeludo, mas no quesito músculos, ele é maior. Aquele homem recende magnetismo pelos braços grandes lastrados de veias, sobrando para os peitos e costas largas. O olhar dele, capaz de escavar a alma até as profundezas, deve fazer com que minha mãe fique molhada antes de deitar na cama com ele. Não que eu tenho cobiça em querer roubar meu padraço dela, entretanto secretamente, mesmo que por alguns minutos, eu experimentaria o corpo dele.

Pensando bem, eu estaria me arriscando. Seria errado. Melhor não.

De repente ele suspende os olhos e encontra os meus. Um sorriso enigmático se forma naqueles lábios finos rosados. Pondo as mãos na cintura e suspendendo um pouco o queixo, meu coração toma solavanco. Ele vai me perguntar alguma coisa, eu acho.

- Andriel? - até a voz é um pouco parecida com a do filho.

- Sim? - pergunto, meio nervoso.

- Nunca vimos um Príncipe Negro por essas bandas. É uma raça predominante no noroeste. Creio que o que tentamos capturar estava só de passagem. Ele pode ter fugido do habitat. Mas a questão é: onde ele pode estar agora?

- Em algum lugar cavernoso, escuro - mastigo algum nome em minha cabeça. Tem vários. Qual chamaria mais a atenção desses bichos...? AH! - A Garganta do Diabo.

É aquele abismo que ninguém ousa entrar nele, ou se não - segundo os relatos de aventureiros racionais - nunca mais se volta à superfície. Alguns desaparecimentos daqueles que desafiaram o desconhecido provam isso. Não se sabe até onde eles foram.

Sendo cético, todos foram queimados vivos por dragões.

- Eu pensei a mesma coisa - conta Vitor, entusiasmado. - Não fica longe daqui. Lá é seguro pra ele. Sem falar que consegui machucar uma das asas dele com a lança. Então, ele não pode ter ido muito longe. Faz sentido?

- Faz todo o sentido - concorda Gérard, orgulhoso. - Mas vamos ter que ser ligeiros. Essa classe não costuma demorar para regenerar uma parte do corpo danificada. Acordaremos cinco da manhã para sair daqui e ir para a entrada desse abismo. Ficaremos lá de plantão, até que o bicho venha pra fora.

- E como vamos pega-lo? - enfim, o ponto mais interessante.

- Vamos ter que atrai-lo para o rio Infinitum, próximo à Academia de Conhecimento e Disciplina de Laverne - Gérard empurra um dos Jipes de brinquedo até que a miniatura para sobre o local mencionado no mapa.

- Ou seja, é praticamente perto de casa - destaca Vitor, preocupado.

O pai dele continua.

- Usaremos a água do rio para enfraquece-lo, deixando o incapaz de soltar um fiasco de fogo sequer. Ele não vai atacar a nossa mansão. Daí, eu quero que você, Andriel, atire a lança na cabeça da criatura. Matará de vez. Consegue?

Engulo em seco. Eu nunca em cada segundo de minha existência derrubei um dragão. Até eles dois sabem disso. Desde que me juntei à esse negócio de família dos Troy, jamais pensei que eu fosse temer tanto pela minha vida saindo de casa com eles para caçar dragões de seis em seis meses. Esse arriscado meio de ganhar o pão de cada dia me fez consumir altas dosagens de adrenalina e muitos momentos de choque. Faz quatro meses que já tenho me acostumado com esse meu novo ofício e ser escolhido para matar o alvo da caça é o maior passo agora.

- Consigo - da minha parte, isso ecoou feito uma incerteza.

- Perfeito - Gérard apostaria cegamente em mim? Nem fodendo vou me responsabilizar por esse erro e eu sei por quê.

- Mas não vou fazer isso desse jeito.

- O que? - ele reage surpreso e intrigado.

- Tem uma grande falha nesse plano e nós três podemos acabar morrendo. Mesmo que saímos correndo da boca do abismo pro rio, essa coisa vai alcançar a gente em dez segundos - explico, visualizando a fera possessa cuspidando as chamas de imensurável queentura na minha cara.

- O que sugere?

É aqui vai a minha primeira sugestão, muito óbvia por sinal.

- Precisamos de mais distrações. Mais homens. Faremos o dragão ficar confuso, sem saber qual lado atacar primeiro. E todos nós vamos pra mesma direção: o rio.

- Incluir mais homens implica em recebermos menos recompensas - Sr. Troy faz uma careta de que não gostou muito.

- Isso é tudo ou nada - insisto com a proposta, inclinando-me para frente. - Precisamos de dois carros. Só temos um. Entendo que a grana é de suma importância, mas para que possamos usufruir dela, temos que ter vida. Entende?

- Relaxa, pai - diz Vitor. - Ficamos sempre com a maior parte. Melhor do que nada.

O filho de Gérard troca olhares comigo e transmito agradecimento, rendendo um sorriso formidável dele. Que hora errada pra eu ficar bobo. Dane-se. Adoro ele.

- Quais são as pessoas que vocês tem em mente que possam nos ajudar? - Gérard se apoia com os braços na beirada da mesa, esperando com seriedade.

- Os Dankworth. Já contamos com eles antes. São de confiança - a segunda sugestão minha.

- Vou mandar uma mensagem pra eles - aprovada com sucesso.

Todos somos surpreendidos por três batidas vindo da porta.

- Meninos, o jantar está pronto! - convoca a voz adoravelmente alta e clara da minha doce mãe.

Os passos dela se distanciam da entrada do escritório.

- Depois voltamos pra deixar tudo preparado pra amanhã - avisa Sr. Troy.

Vitor é o primeiro a levantar, sem pressa, e segue em direção à saída. Vou logo atrás.

- Andriel, quero falar com você - me pede o pai dele, educadamente.

- Vejo vocês na sala de jantar - despede-se Vitor, assentido com a cabeça.

Volto à me sentar e aguardo pelo meu padrasto, que vai até a porta e gira a chave na fechadura, trancando nós dois dentro da sala. Ele nunca fez isso antes comigo aqui dentro. Tem algo de diferente assim que ele se vira pra me fitar. Ainda não sei bem do que se trata. De antemão, aparenta amistosidade, porém, vai além disso.

Já vi esse olhar antes. É o mesmo que o filho dele me entrega, quando estamos sozinhos. E nesse instante, Gérard e eu estamos à sós.



3. Cobiçado Pelo Pai do Meu Irmão.

Devagar, ele se desloca com seu andar elegante, aproximando-se de mim. Permanece parado, me atentando aos detalhes do comportamento dele. Ele chega à exaltar discretamente a própria postura sedutora mesclada com desejo oculto. Que errado pensar nisso. No entanto, é atrativo nele.

- Obrigado por estar ajudando, filho - agradece ele, se apoiando com a bunda na beirada da mesa e cruzando os braços.

- De nada, Gérard - respondo.

Ele coça a barba rala, ruminando alguma coisa.

- Posso não ser o seu pai, nem é minha intenção tomar o lugar dele, mas, quero ser alguém importante pra você.

Nada digo, apesar de eu gostar da sinceridade dele. Concedo que ele diga mais do que estiver pensando. É pra isso que eu ainda estou aqui. Não?

- Olha. Faz pouco tempo que eu me casei com a sua mãe. Quatro meses, certo?

- Hmn - confirmo mexendo a cabeça.

- Como estou indo?

- Bem. Você tá indo bem como homem da casa. Foi estranho no começo. Agora tô acostumado. Eu gosto de você, Gérard.

Para alguém que se esforçou muito pra me cativar, ele merece ouvir isso de mim, para o seu progresso como meu bom padrasto.

- Eu também gosto de você, Andriel.

Se ele me odiasse, eu já saberia disso a séculos.

- Ultimamente venho reparando que meu filho está meio diferente de antes.

- Mesmo?

- Ele era mais fechado. Neutro. Foi só a gente conhecer você e a sua mãe que ele tem ficado bem alegre. Principalmente quando ele tá perto de você.

Saber disso me faz ficar contente. É um sinal de que posso ser alguém especial pro Vitor, embora ele ainda não me tenha dito. Mas coisas como essa pra serem ditas costumam levar um longo tempo. Contando com a personalidade introvertida dele, é difícil se ter um previsto.

- Mesmo desse jeito, Vitor ainda é um mistério - ressalto.

- Ele sempre foi. Muito antes da mãe falecer aos 7 anos de idade dele. Espero que consiga decifrar esse rapaz, Andriel.

- Pensei que o senhor compreendesse esse jeito dele por vocês serem muito parecidos - franzo o cenho.

- Não se engane, meu rapaz. A mãe dele era assim. Nem tudo ela me contava. Só que havia dias em que ela desabafa tudo o que não podia mais guardar. Ele ainda vai fazer isso contigo. As pessoas precisam se expressar, da forma que acharem melhor.

Tudo que é fora do comum sempre capta a atenção de quem estiver à frente, o que não é diferente pra mim. Sempre que olho para Gérard, ele pode sorrir, passar a mão na cabeça, afagar a própria barba, mas dessa vez, meus olhos testemunham uma reação diferente. À uns poucos centímetros de mim, há uma protuberância na região à baixo do pé da barriga dele,

marcada pelo jeans.

Prendo a respiração e um formigamento de ansiedade cresce pelas minhas paredes. O formato roliço me lembra o de Vitor. Presumo que talvez o pau seja até gêmeo do de seu filho, mesmo que eu ainda não tenha visto. Espera. A questão não é essa. O que eu me questiono é: por que ele está duro de tesão?

- O que foi? - ele se dá por conta do meu silêncio.

Infelizmente dou mancada, aparentando que estudei sua ereção. Que reação ele me daria? Nem tenho muito o que teorizar, sendo que a malícia se revela da forma mais descarada naqueles olhos.

- Quer... Provar um pouco?

- O que? - meu coração dispara e minha boca fica seca de ante do que ele sugeriu.

- Vamos lá. Recentemente eu venho ficando sem tempo pra isso. Por que não agora?

- Mas... - pensei que minha mãe e ele estivessem tendo uma rotina sexual com bastante frequência. Não sei. Quem sabe seja só uma desculpa dele pra que eu acredite. Porém... - A minha mãe.

- O que acontecer entre você e eu, não diz respeito à mais ninguém.

Dito isso, ele fecha os dedos no zíper da braguilha e a abre, sacando pra fora, sem aviso, seu corpulento e cumprido mastro. A princípio, a visão é tentadora. O membro latejando com suas veias da base até o prepúcio de cor rosada, que bem de perto, dá pra ver uma gotícula de sêmen escorrendo pelo orifício. Puta que pariu. Minha resistência é posta à prova agora. Será que devo recuar?

Talvez seja o certo, ou talvez eu só acabe desperdiçando uma chance de me divertir com ele. Ocorre que se eu tocar aquele pau, estarei traindo uma

peessoa. Minha própria mãe. Ele pertence à ela. Eu sei disso. Gérard também. No entanto, ele tá aqui, convidando-me à ter uma paixão pela carne dele.

Sempre achei que ele só gostasse de mulheres por ele ter um jeito muito "hetero".

- Eu não sabia que o senhor... Também gosta de homens - digo, com meus músculos tremendo.

- Algumas das minhas paixões foram homens.

Então, ele gostã dos dois gêneros.

- Você já fez isso antes? - pergunta ele, desencostando da mesa e parando na minha frente.

- Não - afirmo, arfando, sentindo o meu pênis pulsar.

- Eu te ensino - diz ele, carinhosamente, apontando o falo pra minha boca.

E como se eu estivesse entre uma lâmina e uma parede. Devo deixar que ela me perfure ou me desvio para o lado? Eu vou...

- Meninos! Por que demoram tanto? Já estou ficando preocupada - grita minha mãe no corredor, assustando à mim.

- Nós já estamos indo, querida - responde Gérard, guardando o mastro pra dentro da calça tranquilamente.

Antes de eu sair, ouço ele dizendo atrás de mim, colando a boca no meu ouvido.

- Talvez uma outra hora.

Isso significa que ele vai criar outra brecha para que nós dois. Pode ser mais tarde, amanhã ou depois de amanhã. Eu quero mesmo fazer isso? Ele não é

o homem da minha vida, mas a atração física é inegável. Qualquer um pensaria assim no meu lugar. Reunirei o máximo de forças que eu puder para ficar longe disso. Vai ser difícil, ainda mais na minha idade. Gérard também tem senso que posso não resistir e acabar me entregando. Meu padrasto não passa de um cretino gostoso filho de uma puta.

Eu tô muito fodido.



4. Jantar Em Família E Um Plano.

Vitor, e agora, o pai dele. Os dois tem a mesma intenção em comum em relação à mim. Realizações tórridas. Me sinto numa encruzilhada de três caminhos. De um lado, o cara mais velho. No outro, o cara mais novo. Posso andar pra trás e me afastar de um problema foda. Algo me impede? Sim. Curiosidade por algo que ainda não experimentei, que é excitante e transformador, de dentro pra fora.

Naquela noite, após a reunião, nos reunimos na sala de jantar. Sob a luz das lâmpadas brancas, minha mãe serviu cada um dos quatro pratos com conchas de sopa de mariscos. O aroma é agradável, o que normalmente desperta o meu apetite. No entanto, meu estômago nem sequer estava cobrando por colheradas do alimento.

Na ponta direita da mesa, o Sr. Troy me observa de vez em quando, e sorri, cínico. E ocupando o assento à minha frente, Vitor sustenta aquele semblante enigmático que me lembra uma ave de rapinas, uma das marcas registradas dele. É só os dois me olharem em uníssono que rapidamente escondo o rosto pra baixo, focando no meu prato de sopa.

- Filho - ouço a voz da minha mãe. Olho para ela, uma mulher quase idêntica à mim, a não ser pelo jeito pleno mesclado com doçura. - Tá tudo bem?

- Oi? - repreendo-me em mente para me lembrar de que estou na realidade.

- Tá distraído com alguma coisa?

É melhor disfarçar com algo que possa fazer sentido.

- Preocupado, na verdade. Tem um dragão aqui por perto. Gérard, Vitor e eu vamos sair cedo amanhã para pega-lo.

- Qual o tamanho dele?

- 20 metros - responde Vitor, abocanhando um mexilhão.

A cara que ela faz é de quem descobriu o dia do Apocalipse.

- Santo Deus. Tomem muito cuidado. Eu sei que vocês já mataram outros antes. Mesmo assim, tenho medo de que possa acontecer alguma coisa com vocês.

- Nada sairá do nosso controle, mãe - tranquilizo, ela. - Vamos voltar pra casa com mais dinheiro. E eu vou dar de presente à senhora aquele vestido estonteante que vimos na vitrine da Beatrice Shine ontem quando fomos a cidade.

- Imagine, querido - tímida, ela bota uma mecha solta do cabelo longo castanho escuro atrás da orelha. - Estou esperando receber o pagamento da editora esse mês. Por favor. Gostaria que usasse seu dinheiro somente pra você. Eu compro o vestido.

- Mãe.

Ela olha para mim e deixo nítido com meu olhar que é um ato de coração de filho.

- Deixa eu te dar.

- Tudo bem - aceita ela, sabendo que eu não ia parar de insistir. - Mas com uma condição. Que eu também te dê um presente.

- Fechado - finjo não estar surpreso, apenas feliz.

- O que você quer ganhar? - indaga ela.

Enfim, a questão crucial para favorecer algo que andei planejando nesses últimos dias, e que graças à minha mãe, será realizado.

- Um kit barraca - tomo um gole de água.

- Andou pensando em acampar? - ela parece ter gostado.

- Sim. Na floresta. Não vai ser muito longe daqui. Quero que Vitor venha comigo.

Olho para meu irmão, que baixa o cálice, engolindo um pouco da água. O entusiasmo brilha na face dele. Eu diria que ele deve estar considerando como uma divina oportunidade pra aprontarmos fora de casa, no sentido apimentado.

- Uma ideia interessante - comenta minha mãe, fazendo eu concordar com ela. Isso! Ela é demais.

- Você vai? - pergunto pro Vitor.

- Mesmo que eu estivesse enfermo, eu não permitiria que você fosse sozinho - enrubesço da cabeça aos pés. - Você tem a mim pro que quiser. Quando você pretende ir?

- Na última semana das férias de verão.

- Qual seria a duração desse acampamento? - o Sr. Troy expressa um tom de incômodo.

- Um dia e uma noite - respondo.

- Dois dias e duas noites - Vitor me tira qualquer reação que eu pudesse dar, e um sorriso audacioso trança naqueles lábios que eu beijaria entre as altas árvores da mata, sem ninguém para nos ver.

- Bom. Nesse caso, já sabem. Vão ter que ir bem preparados - avisa o pai dele.

O jantar termina com Vitor e eu recolhendo a louça suja e levando pra cozinha. É uma tarefa simples que nos dispusemos à fazer desde que nossos pais se casaram e todos passamos à morar juntos. Além disso, sempre enquanto lavo os pratos, cálices e talheres na pia, ele está atrás de mim, suspirando, cheirando o meu cabelo e beijando o meu pescoço com suavidade. Um momento só nosso.

- Seu cheiro é melhor do que o dela - murmura ele.

- Quem?

Ele ri.

- Não finge. Você sabe. A minha namorada - ele sente prazer em dizer isso.

- Ela ainda não sabe que você é melhor que ela.

Sorrio, maliciosamente. Eu quase não lembro dela, apesar de ele trocar mensagens com ela todos os dias. Ambos ainda não se viram nessas férias verão. Vitor nem parece fazer muita questão disso, principalmente quando ele está comigo.

- Você não presta, sabia?

- Mas você gosta.

Esse é o problema. Eu gosto. Muito. Demais. É irrecusável. Desde que Vitor Troy entrou em minha vida, houve uma bagunça irreparável dentro de mim. As vezes, ele é gentil como príncipe. Outras vezes, rude feito um dragão. Não existe passagens secretas pra entrar na cabeça dele e desvendar aquele misterioso rapaz. Cabe somente à ele revelar o que pensa, que de uma forma me pega de surpresa. Não é um truque. É quem ele realmente é.

- Depois que resolvermos tudo sobre o dia de amanhã com o papai, gostaria de ir com você pro seu quarto.

5. Masturbado Pelo Meu Irmão e De Repente...

Gérard espera por Vitor e eu no escritório. Assim que adentramos no local, o Sr. Troy está de costas para nós, próximo à janela fechada. Ele estaria apenas assistindo a chuva caindo e as gotículas de água escorrendo pelo vidro se não fosse pelo smartphone ladeado na orelha.

De imediato, meu irmão e eu fazemos silêncio e andamos com nossos pés desprovidos de peso até as cadeiras de frente para a mesa. Gérard faz um clara recomendação ao receptor da mensagem do outro lado da linha, dizendo que todo o cuidado é indispensável para se matar um dragão. O papo dura só mais alguns minutos até ele se despedir formalmente da pessoa. Enfim, ligação encerrada.

- Os Dankworth já tão dentro - diz ele, pondo o aparelho celular sobre a mesa. - Expliquei pro Kayden no que consiste a nossa estratégia. Ele aprovou a armadilha. Teremos mais de três veículos. Além de dois carros. O filho dele, Jack, também vai levar uma motocicleta. É pro caso de emergência.

- E quanto ao que eles vão receber? - pergunta Vitor, cruzando os braços. - Eles fizeram vista grossa por um valor maior do que o senhor propôs?

- Eles aceitaram numa boa - Gérard suspira aliviado. - Agora vamos ao que interessa.

Passo à passo, memorizamos o que vamos ter que fazer amanhã. As armas estarão esperando por nós na caminhonete, incluindo a lança. Devemos deixar qualquer receio pra trás, antes de sairmos pela porta da frente de casa. Lá fora, não seremos fracos. Seremos invulneráveis.

Depois que terminamos, Vitor e eu nos dispensamos desejando boa noite ao Sr. Troy. Pegamos o corredor até o meu quarto. Já dentro, ouço o som da fechadura sendo trancada. Olho para ele e recebo a inexpressividade obscura dele.

- Você tem uma gravata? - indaga ele, encostado na porta do quarto.

- Segunda gaveta no lado direito do armário - indico.

Ele anda até o armário preto onde guardo algumas peças de roupas e sapatos e puxa a tal da gaveta. Após analisar o que tem dentro por alguns instantes, ele puxa sem pressa uma das três gravatas que eu tenho. As outras duas são roxa e vermelha. A que tá na mão dele é verde esmeralda. Por que ele catou essa? Pelo simples fato da cor estar associada ao lugar onde nos conhecemos: Laverne, a escola em que estudamos.

Essa gravata é uma peça do uniforme que uso para frequentar a instituição, como todos os outros rapazes e moças. No começo, eu odiava amarrar aquilo por de baixo do colarinho da minha camisa branca. Agora eu meio que gosto.

- Vem - ele segura a minha mão e me guia até a minha cama.

Subo antes dele, sentindo a maciez da colcha de veludo verde musgo. Assumo a posição sentada com as pernas flexionadas sob o corpo. Ele fica atrás de mim dessa mesma forma, dando mais espaço entre suas pernas para que eu fique dentro e o pectoral dele toque minhas costas. Respiro fundo, ansiando pelo o que virá.

- O que você vai fazer comigo? - pareço meio nervoso. Não era isso o que eu queria. Merda.

- Feche os olhos - a voz trovoada dele fica mais baixa. Suave. Doce. Molhada.

Confio nele, selando as pálpebras sobre a minha visão, escondendo-a. Logo

o tecido liso da gravata é amarrado em volta dos meus olhos fechados. Um nó firme é dado, mas sem apertar, ou me machucar.

- Me ajude a tirar sua camisa.

As mãos grandes e ásperas dele entram em contato com a pele da minha barriga quando ele agarra a bainha da minha camisa. Suspendo os braços e ele tira a peça por cima. Agora estou usando apenas calça jeans.

Um som de nariz inspirando forte penetra em meus ouvidos.

- Amo o seu cheiro - ele cheirou a minha camisa? - Mãos pra trás, Andriel.

Obedeço ele. Não poder ver, apenas sentir, é excitantemente divertido e perigoso. E fica mais ainda com ele usando, indubitavelmente, minha camisa para amarrar meus pulsos.

O que vem à seguir, após ele se afastar e depois voltar para ficar comigo, é um desencadeamento de luxúria desenfreada. Os pelos do peito dele esfregam em mim provocando uma degustação de arrepios. A essência avassaladora do óleo de erva doce que usamos para fazer massagem um no outro transcende pelo cômodo, ampliando meus horizontes para que eu viaje junto dele. Toda a minha libido se conecta com o meu pau.

Respiro, relaxo e gemo. As mãos do meu irmão dançam pela minha carne, meladas de óleo. Imagino meu busto inteiro reluzente sob a luz das lâmpadas acesas do quarto. Era assim que a iluminação estava antes de eu guardar minha visão. Mas acho que agora tudo deve estar escuro, ou com um abajur ligado, cobrindo nós dois e o lugar com uma cor cálida, semelhante a do sol. É perfeito.

Sem cerimônia, os dedos dele descem até o botão da minha calça, desabotoando e abrindo a braguilha. A mão dele agarra o meu falo, duro e pontudo. Vai e vem. Esse é o nome do estímulo que ele me proporciona, delirantemente gostoso. A menta no hálito dele me faz desejar sugar. Ou seria beija-lo?

Estou preso. Dominado por Vitor Troy. Ele não vai parar até que eu alcance o ápice. Se eu pudesse ver a ambição cintilando no olhar dele, mas só posso visualizar. Caralho. Isso é uma tortura e ele está se vangloriando disso. É por isso que uma parte minha tem ódio por ele. Eu sempre acabo sendo o submisso dele.

Por outro lado, o desejo lascivo do meu irmão por mim traz uma certa vantagem. Um poder. Isso só cresce a medida que a batalha entre amor e ódio se prolonga. Uma hora eu irei surpreendê-lo, e então, eu o dominarei. Que isso não demore.

Ah Vitor. Mal você sabe que, na oportunidade certa, farei você se contorcer de tesão tanto quanto faz comigo. Você será o meu...

Mas não tenho tempo de concluir a linha de pensamento, pois quatro batidas vem da porta.

- Andriel, você tá aí? - pergunta meu padrasto do outro lado.

Ele tenta abrir e só consegue mexer a maçaneta. A gravata é puxada às pressas dos meus olhos e o nó da camisa envolta dos meus pulsos se desfaz. Abro os olhos.

Igual como pensei: abajur aceso, o cômodo quase da cor do sol. Tem algo de surreal nisso, mas não devo me apegar agora. Alguém insiste para entrar.

- Haja naturalmente e finja que eu nunca estive aqui - Vitor pula, saindo de cima da cama. Ele leva a sua camisa e o recipiente de vidro contendo o óleo de erva doce para de baixo da cama, junto dele.

Cogito em vestir de volta a minha camisa, sendo que sujarei de óleo. Foda-se. Levanto-me e ando até a porta para destranca-la e abri-la.

- O que tava fazendo, filho? - indaga Gérard, trajando um roupão preto.

- Usando um pouco de óleo - respondo, normal.

- Melhor ainda - Afasto-me vendo ele entrar, fechar a porta e, inesperadamente, desamarrar o cinto do roupão, livrando-se dele, revelando seu corpo nu esculpido de músculos e coberto de pelos. - Pensei que pudéssemos terminar o que começamos.

- Por favor. Não faça isso comigo. Vai embora - digo, vendo aquela sede por prazer nos olhos dele.

Mais uma vez, ele aponta aquele mastro ereto dele para mim. Engulo em seco. *Vitor, você tá vendo isso? Seu pai? Nu? Tentando me convencer à deitar com ele?*

- Não precisa ter medo. Ninguém vai ficar sabendo. Temos que aproveitar momentos como esse, ou você vai acabar se arrependendo de não ter feito - ele molha os lábios com a ponta da língua, apreciando a vista do meu busto reluzindo.

- Acho que pode ser ao contrário. Eu magoaria a mamãe. Sabe disso, não? - contra argumento.

- O que é dela também é seu.

De repente Vitor já está saindo de baixo da cama e se pondo de pé com a face queimada de fúria.

- Que porra você tá fazendo aqui?!

Enrubescido feito um pimentão, Gérard pega o roupão de volta do chão para se cobrir e confronta o filho.

- Me diz o que você tá fazendo aqui, Vitor?!

6. Entre Meu Irmão e Meu Padrasto.

Ambos pai e filho se encaram como se fossem partir pra pancadaria sem nem ao menos solicitarem para que eu dispare uma arma de brinquedo que anuncia a luta. Os punhos cerrados de Vitor são ameaçadores da mesma forma como os do senhor Troy. Eles devem estarem esperando um deles tomar a iniciativa, ou o erro de arriscar tudo logo de primeira.

- Nem fodendo vocês vão se matar na minha frente - declaro. Pelo menos isso faz eles baixarem a bola.

- Fala aí, pai! Que merda é essa de mostrar o pirocão pro Andriel?! - questiona Vitor, cuspidando saliva enquanto fala.

Putaquepariu. Como vou levar isso à sério? Por mais que tenha um lado tenso nessa situação, creio que o nível cômico vá acabar transparecendo mais que o outro. Tanto que preciso morder o lábio inferior para não rir.

- Pera aí - Gérard divide um olhar de análise entre seu filho e eu. Logo ele assume uma reação de espanto. - Vocês estavam mandado ver, né?

Estremeço com a dedução dele. Já Vitor, puxa o canto da boca, formando um sorriso debochado.

- Por isso o seu corpo tá só óleo, Andriel. Vitor estava te tocando. Quanta indecência!

- Indecência? - questiona Vitor, incrédulo. - Quer mesmo falar disso? Você acabou de ostentar uma rola pra cima do meu irmão. Não venha com hipocrisia, pai!

- Olha como fala comigo, rapaz - repreende Gérard, dando dois passos à frente do mais novo.

- Olha como você se comporta - De cabeça erguida e tom afrontoso, Vitor chega mais perto do mais velho. - Pra que serve essa aliança de ouro no seu dedo? Sua esposa não ia gostar nenhum pouco de saber que o senhor gosta de novinhos.

- E o que você entende sobre fidelidade? Você tem uma namorada, moleque! E fica traindo ela com o meu enteado!

- Então, estamos no mesmo barco!

- É! Tal pai, tal filho!

- Chega! - intervenho, irritado demais para ainda ter que achar graça naquilo. - Saiam os dois daqui. Vão dormir. Amanhã temos que levantar cedo se quisermos ter mais alguns meses de recurso financeiro.

Foi o suficiente para convence-los de que ninguém ganharia aquele duelo de discussões. Não olho para nenhum dos dois enquanto eles saem e me deixam sozinho. A raiva vai me esvaziando aos poucos, dando rapidamente lugar ao constrangimento. Até o óleo na minha pele tá me incomodando, mas isso se resolve com um banho, gelado.

Me despido da calça jeans, a cueca box e entro de baixo do chuveiro. Minha glândula está melada de sêmen por causa do estímulo de Vitor. Fecho os olhos e a água me lava de cima pra baixo. Esfrego a pele com sabão de framboesa e a oleosidade desce pelo ralo. O melhor é saber que dormirei seco e confortável.

No entanto, acabo tendo dificuldades para pegar no sono. Dois homens do mesmo sangue trocaram farpas por minha causa. Odeio isso. A noite teria sido um deleite de êxtase se Gérard não tivesse vindo atrás de mim. Aquela foi a primeira vez que Vitor Troy tocou minha parte íntima, alimentando mais o meu fogo de desejo por ele. É claro que ainda não acabamos. Uma

hora ele voltará para terminar isso, e recomeçar de novo.

Quanto ao Sr. Troy, não se trata de recusa-lo, mas sim, de uma indecisão minha. Ele me rodeia feito um lobo imponente, caçando pela minha rendição ao convite dele. Algo selvagem espera por mim. Serei possuído tanto por um quanto por outro. Em troca de que? Existe amor nisso? Ou seria apenas o gosto pela adrenalina gerada por uma regra quebrada? Pode até ser o caso de Gérard, trair a esposa por diversão. Ao contrário dele, Vitor teria mais motivos para querer me ter.

Eu sei. Ele sabe. Nós sabemos.

Adormeci por volta das 2 da manhã. Foram míseras 3 horas dormindo até o despertador tocar às 5. Meio sonolento, arrasto-me para fora da cama em busca de mais um banho no chuveiro.

Visto roupas adequadas para a captura do bicho. Camisa preta e calça tática cor de abacate. Meia nós pés e botas de couro de Vigilante Noturno. Esse par de calçados foi um presente de Gérard, feito com a pele escura e macia do último dragão que ele matou.

Preparo minha mochila com um kit de primeiros socorros, corda, garrafa d'água e um saco de biscoitos de aveia e leite. Amarro uma bainha na minha cintura contendo dois punhais em cada lado. Dou uma olhada no meu reflexo no espelho cumprido retangular e aprovo. Estou preparado.

Desço a escada sentido cheiro de omelete frito, torradas amanteigadas recentemente assadas e café pronto. Tudo misturado e sobrevoando no ambiente. Apetitoso.

- Bom dia - cumprimento Vitor, Gérard e minha mãe quando entro na cozinha.

- Bom dia, querido - responde minha mãe, pondo no centro da mesa o cesto contendo as torradas amanteigadas. - O que vai querer pra comer?

- Apenas um café e algumas torradas - encho uma caneca com o líquido

quente e coloco quatro torradas no meu prato.

Discretamente observo meu irmão e meu padrasto se encarando como inimigos de vez em quando. *Porra. Por favor não prossigam com isso. Temos um trabalho à fazer e qualquer atrito pode abalar o nosso foco.* Vou tentar dizer isso durante irmos pro carro.

Batidas fortes vem da porta, sobressaltado à nós.

- Eu atendo - se oferece minha mãe, saindo e voltando logo em seguida com os nossos visitantes, ou eu diria, parceiros de caça.

- É bom encher o bucho antes que a fera encha primeiro - diz Kayden Dankworth, entrando na cozinha com seu andar ousado e sorrindo pra cada um de nós.

É impossível não mencionar que a trança tripla loiro branco do Sr. Dankworth é um chamariz por ser muito bonita e bem feita, combinando com os olhos azuis gélidos dele. A barba dele chega até a clavícula. Algumas vezes tenho impressão de que ele é um pouco maior do que o Sr. Troy, ostentando o porte musculoso. Mas na verdade ambos são do mesmo tamanho.

- Contanto que isso seja sorte pra matar o Príncipe Negro - responde Gérard, apertando a mão de Kayden e abraçando-o. - Como vai, Jack?

- Tudo ótimo, Sr. Troy - diz Jack.

Jack é o único filho do Sr. Dankworth. Ele se parece muito com o pai, mas usa o corte franja marcada no cabelo loiro branco e nem chega à ser muito musculoso. Na Academia de Laverne, ele faz parte da minha turma e costuma chamar muita atenção por ser carismático, gentil e o mais inteligente em todas as matérias. Confesso ter um pouquinho de inveja dele. No fim das contas, nos damos super bem.

Houve um tempo em que as pessoas da escola comentavam sobre ele ter um crush em mim, mas isso é só um boato que inventaram para justificar o fato

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Meu Irmão E Meu Padrasto Obsessivos (R..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).